

AMORIM DE CARVALHO  
NO 1º CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO  
(SÍNTESE BIOGRÁFICA).  
UMA BIBLIOGRAFIA SOBRE VERSIFICAÇÃO

*Por*  
JÚLIO AMORIM DE CARVALHO

*Ao meu filho Alexandre Miguel  
que, por sua força de vontade  
e seu espírito combativo,  
também é um digno descendente  
do escritor Amorim de Carvalho.*

*Primeiros anos*

**A**MORIM de Carvalho nasceu no Porto, a 17 de janeiro de 1904 (filho de Júlio Diniz Amorim de Carvalho, farmacêutico diplomado pela Escola Médica do Porto, e de sua mulher, Maria Cândida Caldas de Matos, sem profissão, neta do poeta romântico António Pinheiro Caldas), numa família de tradição católica, com origens luso-espanholas, do Norte da Península. Sua vida escolar foi perturbadíssima, por dificuldades financeiras a que sua numerosa família esteve sujeita. Não completou os estudos secundários, mas estudou em casa, tendo adquirido conhecimentos de grego e aprofundado o latim, o francês e, sobretudo, o inglês, interessando-se desde cedo pela cultura e literatura anglo-saxónica. Frequentou, entre outras, a Escola Anglo-Latina do escritor José Teixeira Rêgo. Mais tarde, ao mesmo tempo que, com muita frequência, tinha acesso aos volumes da «Bibliothèque de Philosophie Scientifique» que lhe eram emprestados por T. Rêgo, a cultura francesa começou a preponderar

no seu espírito. Lia correntemente, também, o castelhano, o italiano, o provençal, o catalão e os dialectos neo-latinos medievais inclusivamente nas suas formas poéticas. Conviveu com Bazilio Telles (pensador materialista, helenista, «anti-semitista intransigente», muito amigo da família Amorim de Carvalho) pelo qual veio a demonstrar uma imensa admiração intelectual e moral, o que reforçou a formação que lhe fôra dada pelos pais, determinando nele a valorização máxima da independência intelectual e da firmeza do carácter. Não resultou, no entanto, daí, qualquer influência da obra de B. Telles no pensamento de Amorim de Carvalho. Na adolescência, perdeu a fé religiosa. Recebeu a formação política, republicana e liberal dominante na época; mas conviveu com familiares e amigos que, além de terem uma visão bastante crítica do sistema político que vigorou no país até à Revolução de 1926, alargaram significativamente o seu horizonte intelectual. (Para os anos da juventude e como contribuição ao conhecimento do meio social e familiar que foi, nesse período da sua vida, o de Amorim de Carvalho, *vid.*: Júlio Amorim de Carvalho, *Dois escritores portuenses. O poeta António Pinheiro Caldas e Amorim de Carvalho*, Casa Amorim de Carvalho, Prometeu, Porto, 2000, págs. 32-38, e *Achegas para uma biografia: Amorim de Carvalho*, «Gil Vicente», Guimarães, 4.<sup>a</sup> série, n.º 3, janeiro-dezembro de 2002, págs. 62-66; João Manuel Amorim de Carvalho Borges, *Maria Amélia Camossa Saldanha Amorim de Carvalho Borges. Seu percurso e contributo para a dimensão histórica da família*, ed. do autor, Porto, 2002, excelente estudo genealógico enriquecido com iconografia).

### ***Sistematização do pensamento e intervenção polémica***

A sistematização do pensamento de Amorim de Carvalho surge precocemente, no começo da década de trinta, sobretudo no domínio da estética, mas já, aí, alicerçada naqueles fundamentos, explícitos e implícitos, que vão permanecer e presidir à diversificação desse pensamento, ao seu alargamento a outras

perspectivas ou a outros sectores do conhecimento. Sua intervenção na vida cultural portuguesa será parcialmente polémica e combativa, mas sua obra poética, e sua crítica literária com fundamentação científica e filosófica, apontavam — insistimos — para um pensamento filosófico sistematizado; acção combativa numa luta contra as turpitudes do ambiente intelectual português (*vid.* casos dos periódicos «O Diabo», «Seara Nova», «Pensamento», «Portucale» — sendo em consequência do tenebroso assalto a esta revista, de que era co-director, que funda e dirige a revista «Prometeu», de 1947 a 1952, imprimindo-lhe característica orientação estética e filosófica). Intervenção polémica, ainda, na crítica orientadora e pedagógica, de oposição à decadência do modernismo, na literatura, e de rectificação do que era sustentado pelo grupo da chamada «filosofia portuguesa»: teve, conseqüentemente, que expor o seu pensamento em estudos (em parte) de carácter crítico e de análise às obras de outros autores. Primeiro, violentamente combatido; viu organizar-se, depois, sistemática e metodicamente, o silêncio à volta do seu nome. Fôra, efectivamente, «como poeta e como crítico, o mais manifesto opositor das teses da Presença» cujos mentores e críticos não tiveram a preparação científica nem filosófica de Amorim de Carvalho. Plenamente consciente do cerco que se lhe fazia, em várias ocasiões evocará ele o ambiente deletério em que vivia, impregnado de mentalidades hostis, de facto, ao espírito objectivo, científico e filosófico. Explicou essa situação nefasta do meio intelectual português, como tendo origem na «decadência generalizada afectando o pensamento ético, político, social, filosófico e estético», imposta pelo homem-massa, pelas elites decaídas ou pseudo-elites, utilizando as técnicas modernas da propaganda organizada, o elogio mútuo.

### *Peregrinações*

Quase não teve acção política, por razões explicadas no prefácio ao seu livro *O fim histórico de Portugal*. Residindo no Porto,

em companhia de seus pais e irmãos, numa família com tonalidades marcadamente patriarcais, abandona essa cidade e, com a mulher, Ester Rodrigues (também, como ele, de origem luso-espanhola do Norte peninsular), e o filho, instala-se em Lisboa, em 1953, onde passou a viver modestamente — em parte, da colaboração intensiva nos jornais da capital do país. Fez várias mas infrutíferas tentativas, junto de instituições estatais e privadas para, com propostas de colaboração ao serviço da cultura do seu país, melhorar sua situação financeira. Frequentou algumas das tertúlias lisboetas dos anos cinquenta e sessenta. Foi nomeado, em 1958, vogal do Conselho de Programas da Emissora Nacional, mas logo perdeu essa função. Desde 1962 foi membro da Internationale Gesellschaft für Vergleichende Kulturforschung, de Salzburg, e da Société Européenne de Culture, de Veneza. Membro fundador da Sociedade Portuguesa de Escritores, demite-se *avec fracas*, por considerar imoral a conduta da Sociedade. Em 1963 participa activamente do I Encontro de Escritores de Angola, realizado nesta província ultramarina portuguesa. Em 1965, desgostoso com a degradada situação intelectual da pátria, transfere a residência para Paris. Será um exílio definitivo. Nesta capital, onde continuava recebendo magras rendas provenientes da firma familiar de que era sócio, convive com alguns intelectuais franceses, e obtém autorização das autoridades do país de acolhimento, com fundamento na obra realizada, para fazer tese de doutoramento na Sorbonne, que defende em 1970, apresentando o seu estudo *De la connaissance en général à la connaissance esthétique. L'esthétique de la nature*. Com essa formalidade universitária pretendia apenas tentar obter, posteriormente, uma segurança material que lhe permitisse viver com menos inquietações financeiras. Em outubro de 1975 adocece, pressentindo que não viverá muito tempo; assiste ao baptizado, no Porto, da neta recém-nascida, e despede-se da família, morrendo conformado, com toda a serenidade, em 15 de abril de 1976, em Paris. Não quizera morrer na pátria que ele logo considerara estar sendo submetida, desde 1974, a um processo político que a levava inevitavelmente ao seu «fim histórico», como nação independente com sua significação no processo histórico.

### ***O esteta, o filósofo, o poeta***

Mantendo-se sempre afastado de capelas e grupos ideológicos e da propaganda organizada pelo elogio mútuo, recusava para si ou para quem pudesse dele aproximar-se o «que em regra leva à formação dos grupos», militando contra o fenómeno gregário, defendendo a «realidade dos melhores valores», associando à superioridade intelectual, a superioridade moral — «sem a qual tudo redundava numa mistificação». Pugnou pelo reconhecimento «de um sentido de transpocalidade e de transnacionalidade» dos valores estéticos e filosóficos; utilizou métodos de objectividade crítica que eram novos na literatura portuguesa; afirmou-se como uma das mais notáveis compleições críticas do país: «talvez em nenhum país — e contemporaneamente — o modernismo houvesse tido uma crítica tão constante, com objectividade, com fundamentação científica e com enquadramento filosófico» como a que sustentou em Portugal. Discutindo o problema da filosofia em Portugal, propôs uma «pedagogia filosófica» do pensar português, divergindo profundamente do movimento que se auto-intitulou «filosofia portuguesa» e que propunha teses consideradas, pelo filósofo, insustentáveis para uma correcta interpretação do processo histórico-cultural português. Procurou conciliar a «hipótese metafísica» com o «facto positivo» («positivismo metafísico»); formulou uma teoria das elites e apelou para a «revisão axiológica» dos direitos do Homem; atente-se também na sistematização da filosofia da estética, nos seus conceitos de Nada, Tempo e Espaço, de «absolutidade de objectividade» do *sou*, de «superdeterminação» e «subdeterminação», de «qualização» e de «dialéctica mononómica», numa e para uma ontologia fortemente marcada pela afirmação dos «valores reais». Na criação poética, trouxe uma originalidade incontestável e uma beleza nova à literatura de expressão portuguesa (*vid.* o seu *Depoimento para a história crítica do modernismo em Portugal*); e se considerarmos as «diversas características mentais que, no conjunto, definem as compleições poéticas criadoras de largas formas poemáticas ou de largo pensamento

poético em que se reflectem as eternas inquietações humanas e universalistas, e em que a poesia está intimamente ligada ao pensamento para atingir a ressonância épica ou filosófica de uma concepção do mundo e da vida», conferindo aos poemas (pelas temáticas e teses de universalidade humana) «o sentido de uma poesia mundial», Amorim de Carvalho coloca-se, na continuidade de Camões, Antero, Junqueiro e Pascoaes, entre os grandes poetas de expressão portuguesa. Em nenhum destes, no entanto, a poesia atingiu tão alta densidade filosófica aliada à beleza formal como em Amorim de Carvalho. E também em nenhum outro poeta de expressão portuguesa, a problemática do amor teve a intensidade, a dimensão filosófica e a originalidade que ele lhe imprimiu.

### ***Teoria da versificação***

Como esteta, não se limitou à análise crítica e aos estudos relativos à teoria da literatura em geral, validados, uma e outros, pelos fundamentos filosóficos e científicos que lhes deu. Também foi ele o atento analista e o teorizador da versificação, sistematizando-a com objectividade e inegável sensibilidade poética — rompendo com arcaísmos, imprecisões, conceitos e preconceitos inadequados para uma aceitável compreensão e interpretação dos ritmos verbais em qualquer idioma: seus estudos estão marcados pela inconfundível originalidade do Autor. Logo nos primeiros escritos teóricos conhecidos, nos princípios dos anos trinta, é patente o seu interesse pela versificação. Consciente da importância de seus trabalhos neste domínio do conhecimento estético, escreveu Amorim de Carvalho, em 1974, no prefácio à *Teoria geral da versificação*, já há muito concluída: «Este livro não é [...] o fruto apenas do meu estudo vivido das obras dos outros poetas; é também o fruto da experiência vividíssima da minha própria criação [poética]». Com, no seu conjunto, uma obra ímpar em qualquer país latino, dando à versificação estatuto de ciência, não exita Amorim de Carvalho em afirmar que não encontrou noutros autores — com excepção de

uma, mas incorrectamente formulada — nenhuma das leis por ele enunciadas em seus trabalhos sobre versificação publicados desde a primeira metade do século passado. Impressionante é a construção interpretativa levantada, pelo crítico português, à volta do que ele denominou «lei da elisão rítmica». E tudo isso, «num porfioso e verdadeiro trabalho laboratorial», fazendo experiências com os versos, compondo versos experimentais, alterando-lhes a estrutura interna, etc. O conjunto da sua obra sobre versificação tem uma significação que a transcende, pois está «intimamente ligada — dizia Amorim de Carvalho — à minha obra de poeta e à posição que, como poeta e crítico mantive e mantenho» em divergência constante, firme e fundamentada das falsas teses da «modernidade» a que o esteta opôs os conceitos de «transépocalidade» e de «actualidade permanente».

### *Conclusões*

À guisa de conclusão, oferece-nos afirmar que se Amorim de Carvalho não tivesse estado presente no panorama cultural, na história literária, no pensamento estético e filosófico da sua época, teria esse facto resultado num vazio incomensurável que estaria, conseqüentemente, na origem duma insuportável e definitiva pobreza mental pela ausência de uma atitude, de uma faceta da inteligência portuguesa que só ele sustentou, delineou ou preencheu. A «arquitectónica didáctica» que se fizer do seu pensamento terá que considerar que esse pensamento se manifesta já na poesia, se explicita e se sistematiza na sua estética e nos estudos de crítica literária, prolongando-se e afirmando-se nos trabalhos de reflexão filosófica propriamente dita — cuja originalidade e riqueza devem ser consideradas numa avaliação objectiva do conjunto da vasta obra de Amorim de Carvalho. Na Biblioteca e no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, no Porto, conservam-se, respectivamente, os livros que lhe pertenceram ou que lhe fazem referência, e um grande número de documentos que lhe dizem respeito.

### ***Bibliografia de Amorim de Carvalho sobre versificação***

*NOTA INTRODUTÓRIA.* As dificuldades que Amorim de Carvalho experimentou — por razões explicadas precedentemente — para encontrar editor que publicasse algumas das suas obras, foram causa de que seus livros viessem, por vezes, a público só muitos anos depois de serem dados como terminados pelo Autor. Essa a razão pela qual, nesta bibliografia, indicaremos as obras por ordem cronológica, não da sua publicação, mas do acabamento dos diversos estudos por Amorim de Carvalho.

[*Uma polémica na revista «Aquila»*]. [*Três cartas*], «Aquila», Porto, ano II, n.º 51, 3 de maio de 1930, pág. 11. [*A colaboração da Aquila*], *ibid.*, ano III, n.º 7, 28 de junho de 1930, pág. 14. [*A colaboração da Aquila. Novas cartas do sr. Carlos Mendes*], *ibid.*, n.º 11, 26 de julho de 1930, pág. 14. [*A colaboração da Aquila*], *ibid.*, n.º 22, 11 de outubro de 1930, pág. 16. [*A colaboração da Aquila. Última carta do Sr. Carlos Mendes*], *ibid.*, n.º 25, 1 de novembro de 1930, pág. 14. [*Id. (2 — conclusão)*], *ibid.*, n.º 26, 8 de novembro de 1930, pág. 13. [*Uma rectificação e um plágio*], *ibid.*, n.º 30, 6 de dezembro de 1930, pág. 14. [*Um esclarecimento*], *ibid.*, ano IV, n.º 29, 28 de novembro de 1931, pág. 6. [São dez cartas, datadas de 22 de março de 1930 a 23 de novembro de 1931: 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> cartas publicadas a 3 de maio de 1930; 4.<sup>a</sup> carta, a 28 de junho; 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup>, a 28 de julho; 7.<sup>a</sup>, a 11 de outubro; 8.<sup>a</sup>, a 1 e 8 de novembro; 9.<sup>a</sup>, a 6 de dezembro de 1930; 10.<sup>a</sup>, a 28 de novembro de 1931. Amorim de Carvalho (pseudónimo: «Carlos Mendes») toma a iniciativa de fazer uma cerrada e impiedosa crítica a diversos colaboradores daquele periódico literário muito lido pela juventude. A importância biográfico-literária dessa série de textos, está no facto de virem estes provar não só o interesse que demonstrava Amorim de Carvalho, já desde muito jovem, pela versificação, mas também os seguros conhecimentos que possuía sobre esse domínio da estética da literatura. O Autor insurge-se, com certa insolência juvenil, contra a mediocridade e as deficiências

versificatórias da colaboração publicada naquela revista. Aborda o problema relativo às boas regras formais do soneto, à técnica e à função da rima, interessa-se pelas condições da pureza musical no verso. Trata da acentuação principal no verso simples; e esforça-se por nos fazer compreender rapidamente a estrutura íntima do verso, do ritmo verbal, distinguindo os versos elementares, os versos compostos e simples. Cremos, salvo êrro, ter já Amorim de Carvalho encontrado ou fortemente intuído, por essa época, a lei da fusão ou elisão rítmica, pois escreve, em uma das citadas cartas, que é das relações entre formas elementares que vem a fôrça rítmica do verso. Nada disso para ele é convencional, dependendo de leis e impondo uma técnica, ao contrário do que pensam os «corifeus» da modernidade. Estes seus escritos apontam, por fim, para a distinção dos conceitos de técnica formal e conceptual, que ele precisará mais tarde. Desse conjunto de factos se poderá legitimamente deduzir que já em finais dos anos vinte terá Amorim de Carvalho feito as primeiras tentativas para uma sistematização renovada e definitiva da versificação.

— Aquelas cartas foram publicadas, como já se indicou, sob o pseudónimo «Carlos Mendes» que escondia, em princípio, os nomes de Amorim de Carvalho e de Jorge de Loivos (*vid.*, de Amorim de Carvalho: *Valores desconhecidos. A obra de Jorge de Loivos*, «Diário da Noite», Lisboa, 6 de dezembro de 1932, e *Ao correr da pênna. Sousa Martins*, «O Jornal de Cambra», Vale de Cambra, ano IV, n.º 146, 1 de fevereiro de 1935, pág. 1). É justo precisar, no entanto, que foi Amorim de Carvalho — como ele próprio nos disse — o Autor de quase tudo o que se publicou na «Aquila» sob a assinatura de «Carlos Mendes» que deve ser, portanto, considerada, de facto, como o pseudónimo deste poeta e filósofo. O exemplar do n.º 7 (do ano III) da «Aquila», datado de 28 de junho de 1930, conservado na Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho, tem, na capa, a assinatura «Carlos Mendes» e a rúbrica «C M», ali escritas pelo próprio punho de Amorim de Carvalho].

*A forma na poesia*, «Gazeta de Matosinhos», Matosinhos, III série, n.º 4, 13 de julho de 1930. [Estudo da função do ritmo e da

rima, isto é, da forma propriamente dita, ou da técnica formal, na arte poética, imprimindo à ideia «uma emotividade e uma dinâmica que não podemos negar». Dentro duma concepção objectiva da estética, sustenta o Autor que «a sentimentalidade humana é, nos seus múltiplos aspectos, decalcada numa forma universal». — Este é o primeiro estudo publicado em que o Autor aborda o tema da forma em geral na poesia, com argumentação profunda e demorada, e dentro da orientação que será a da sua teorização estética definitiva].

*Teoria geral da versificação. Volume I. A metrificação e a rima. Volume II. As estrofes, os sistemas estróficos e a história da versificação*, Império, Lisboa, 1987. [O essencial desta obra estava já redigido, embora com outro título, nos começos da década de trinta do passado século (*vid.*, infra, o verbete *Os novos ritmos...*; e, na *Teoria geral*, o prefácio, pág. 11). Nela estão enunciadas as leis dos ritmos verbais descobertas por Amorim de Carvalho e actualizados os conceitos e a terminologia que fizeram da versificação uma ciência. Pomos particularmente em evidência a lei da elisão rítmica, à volta da qual não pode deixar de ser interpretada a formação dos ritmos. Considerada a importância fulcral desta obra — precocemente delineada, não sendo os outros estudos de Amorim de Carvalho sobre versificação senão aplicações ou desenvolvimentos ou resumos posteriores das leis enunciadas e dos princípios fundamentais definidos na *Teoria geral* —, damos a seguir a enumeração dos principais temas tratados nesta obra. A *Teoria geral* está dividida em cinco partes, cada uma delas compreendendo diversos capítulos, a saber: A metrificação e as leis dos versos (O verso, A lei da elisão rítmica, Verso simples, Os versos elementares, Dos versos simples aos versos compostos, Versos compostos regulares, Versos compostos irregulares, Ritmo lírico e ritmo recitativo, As leis das relações matemáticas, Outras leis da versificação, A lei da alteração rítmica dos vocábulos e as licenças poéticas); A pureza musical, a harmonia e a rima (Os vícios contra a pureza musical, A harmonia dos versos, A rima, Versos brancos ou soltos); As estrofes e os sistemas estróficos (A estrofe, Sistemas estróficos

com número fixo de estrofes e formas estróficas fixas, Sistemas estróficos com formas estróficas fixas mas de número variável de estrofes, Sistemas estróficos com número fixo de estrofes mas com formas estróficas variáveis, Sistemas estróficos com forma e número de estrofes variáveis); Do verso metrificado ao verso livre (A leitura e a recitação dos versos, O verso livre, A tradução dos versos); História da versificação (Da versificação latina às versificações românicas, Resumo da história da versificação portuguesa). — Sem editor isento e inteligente que a publicasse; e sem ter o Autor meios próprios para editá-la à sua custa — desta obra extraiu Amorim de Carvalho um resumo que constituiu a 1.<sup>a</sup> ed., do Autor, do *Tratado de versificação portuguesa*, publicado em 1941. Foi a *Teoria geral* progressivamente actualizada e ampliada; em 1974 escreveu o Autor, para lhe servir de prefácio, um depoimento crítico-histórico a que deu o subtítulo: «A história e a significação desta obra», donde se colheram muitas das informações dadas neste verbete].

*Os novos ritmos. A técnica como revelação da alma humana*, «O Diabo», Lisboa, ano I, n.º 23, 2 de dezembro de 1934. [Volta o Autor ao tema da universalidade da realidade estética, pois «É nesta universalidade que há-de consistir a fôrça de ligação psicológica e social de todas as formas artísticas»: «a técnica [incluindo a técnica formal], com todas as suas regras, [...] é a afirmação do que na psicologia humana existe de idêntico para todos». Ora o ritmo verbal é um dos aspectos dessa técnica de criação da emoção. — Neste estudo refere-se pela primeira vez Amorim de Carvalho ao seu *Novo tratado de versificação portuguesa* já pronto a publicar, mas que, por razões já nossas conhecidas, só muito mais tarde seria editado com o título de *Teoria geral da versificação*].

*Ao correr da pênna. Sousa Martins*, «O Jornal de Cambra», Vale de Cambra, ano IV, n.º 146, 1 de fevereiro de 1935, pág. 1; «O Jornal de Estarreja», Estarreja, ano XLVIII, n.º 2401, 15 de fevereiro de 1935, pág. 4. [Amorim de Carvalho explica, neste artigo, a génese da teoria da versificação que ele construiu com uma precocidade verdadeiramente impressionante. Transcrevemos:

«A minha pretensão foi fazer assentar a Versificação em leis. E parti duma lei que eu considerava como a principal e que [...] formulei, sob a designação de *lei de fusão rítmica* [...]». Analisa e compara Amorim de Carvalho — para explicar a descoberta, por ele realizada, da citada lei — os versos alexandrinos de cesura átona e os de cesura tónica. Alarga depois a argumentação aos versos simples. — Este modesto artigo, publicado em apagados jornais da província, está abarrotado de importantíssimas informações de carácter biográfico-literário relativas a Amorim de Carvalho. Pois aí confirma o Autor a precoce ideia de escrever um *Tratado de versificação* «com mais largueza de vistas do que aqueles que eram do [...] [seu] conhecimento», e adianta que essa ideia surgiu da polémica havida em 1930-1931 na revista «Aquila». É, pois, de admitir que os primeiros passos em direcção duma teorização da versificação, com a intenção de dar o estatuto de ciência a esse domínio do conhecimento estético, datem ainda dos finais da década de vinte do passado século. Confirma neste artigo Amorim de Carvalho sua intenção (já expressa em *Os novos ritmos...*) de «publicar em breve» o seu volumoso estudo sobre versificação — o tal *Novo tratado de versificação*, já pronto em 1934, que tomaria posteriormente o título de *Teoria geral da versificação*. As razões pelas quais os desenvolvidos estudos (iniciados talvez nos anos vinte e concluídos na primeira metade dos anos trinta) tiveram que ser resumidos para darem origem ao *Tratado de versificação* editado em 1941, foram pelo Autor explicadas no prefácio à *Teoria geral* (pág. 11). De tudo isso se infere a extraordinária precocidade — insistimos — dos estudos sobre versificação realizados por Amorim de Carvalho].

*Os problemas da versificação. A lei da fusão rítmica e a formação dos versos simples*, «O Diabo», Lisboa, ano II, n.º 67, 6 de outubro de 1935, pág. 6. *Id. As relações matemáticas no ritmo dos versos*, *ibid.*, n.º 97, 3 de maio de 1936, pág. 6. *Id. O soneto como sistema quadri-estrófico*, *ibid.*, ano III, n.º 114, 30 de agosto de 1936, pág. 2. *Id. Elementos formais e versos elementares*, *ibid.*, n.º 126, 22 de novembro de 1936, pág. 6. *Id.*

*A propósito de um artigo do sr. dr. Agostinho de Campos*, *ibid.*, n.º 128, 6 de dezembro de 1936, pág. 3. *Id. A decomposição dos versos e os acentos*, *ibid.*, n.º 140, 28 de fevereiro de 1937, pág. 2. [Com excepção de dois estudos sobre a estrofação do soneto, Amorim de Carvalho aborda, nos outros, o que na versificação há de mais fundamental: o ritmo verbal, suas condições e suas leis. E ao enunciá-las, fá-lo com a absoluta segurança e maestria que lhe dá a precoce sistematização da teoria versificatória que ele desenvolveu na sua extensa obra pronta para publicar (*vid.* os três verbetes precedentes) e da qual extraiu a matéria para estes ensaios. — Na impossibilidade, como se disse e se explicou, de publicar a vasta obra sobre versificação já acabada, Amorim de Carvalho foi publicando estes estudos, «rigorosamente inéditos», num dos mais prestigiosos periódicos literários da época; eram eles novidade flagrante na literatura de língua portuguesa e mesmo na de qualquer país latino].

*A técnica e a poesia. I. A técnica no seu duplo aspecto formal e conceptual*, «O Diabo», Lisboa, ano II, n.º 84, 2 de fevereiro de 1936, pág. 3. *Id. II. A «coloração poética»*, *ibid.*, n.º 87, 23 de fevereiro de 1936, pág.2. [Desenvolve aqui Amorim de Carvalho um tema que o apaixonará e ao qual voltará frequentes vezes: a «técnica formal» e a «técnica conceptual» são criadoras e condicionadoras de emoção, sendo a «técnica formal» aquela que mais directamente diz respeito à versificação (por ex., a forma estrófica, a rima, o feitiço sónico das palavras, as pausas, os acentos, e o todo rítmico do poema ou sua toada própria, independentemente do significado verbal, etc.). Nestes ensaios expõe o Autor já de maneira definitiva e com argumentação que, fundamentalmente, pouco mudará no futuro, a problemática posta pelo relacionamento dos conceitos de forma e ideia, técnica e poesia, etc., alargados eles à arte em geral. — Duas observações. A orientação estética assumida brilhantemente por Amorim de Carvalho teria de colidir, mais tarde ou mais cedo, com a das correntes do instinto, do intuicionismo e da crítica impressionista do modernismo — de que resultariam momentos polémicos agudos. A segunda observação é que os estudos

acima citados foram publicados num período da actividade literária de Amorim de Carvalho em que este estava a elaborar uma teoria da arte que iria fornecer ou poderosamente contribuir para fornecer os fundamentos à estética neo-realista portuguesa (da qual Amorim de Carvalho se desviaria, aliás, completamente ou quase): *vid.*, de Carlos Reis, *O discurso ideológico do neo-realismo português* (tese de doutoramento), Coimbra, 1983, págs. 30, 55, 56, 58, 59, 70, 90, 91, 112 a 114, 203, 204, 210, 223, 224; e de Amorim de Carvalho, *Panorama. Ligeiras considerações sobre o neo-realismo na poesia*, «Prometeu», Porto, vol. II, n.º 2, abril de 1948, pág. 95].

*Através da obra do sr. António Botto. (Análise crítica)*, ed. do Autor, Porto, 1938. [Neste livro, no cap. IV, «O ritmo na poesia do sr. Botto», estuda-se especialmente a metrficação deste poeta à luz da ciência da versificação já bem sistematizada por Amorim de Carvalho em trabalho de conjunto, ao tempo ainda inédito, como se explicou precedentemente. No cap. V intitulado «O poeta», dá o crítico uma síntese dos «recursos artísticos de expressão (forma) de que dispõe» Botto, onde afirma que «os seus especiais dons pouco excedem uma, aliás curiosa, inovação métrica» (pág. 72) que foi cuidadosamente estudada no cap. IV. — Este livro provocou um enorme embaraço na pseudo-crítica portuguesa (predominantemente modernista ou pelo modernismo contaminada), pois além da demonstração da pobreza poética da obra de Botto, provou Amorim de Carvalho a enorme «sugestibilidade literária» do poeta criticado e a «fonte livresca» da sua poesia (com origem, entre outras, na obra de E. Gómez Carrillo); o crítico admitirá, mais tarde, que Botto praticou também o plágio, e bem conscientemente. Independentemente do valor intrínseco desta obra de análise crítica, é preciso, para entender a extraordinária significação do estudo de Amorim de Carvalho, compenetrarmo-nos do enorme desplante atingido pelos elogios elevados a Botto no jornalismo e pelos medíocres críticos portugueses da época].

*A comunicabilidade da poesia e as traduções poéticas*, «Seara Nova», Lisboa, ano XVIII, n.º 579, 17 de setembro de 1938,

pág. 336. *Poesia e formalismo*, *ibid.*, n.º 583, 15 de outubro de 1938, pág. 7. *Em tórno das variações dum crítico*, *ibid.*, 28 de janeiro de 1939. *Em redor de um problema literário*. «*Suplicante rôgo*», *ibid.*, n.º 603, 4 de março de 1939, pág. 47. [Ao longo destes quatro extensos estudos, o Autor demoradamente expõe a problemática inerente ao relacionamento dos conceitos de poesia, formalismo e ideia, inteligibilidade, discursividade e comunicabilidade da poesia — com consequências directas na teoria da tradução poética e na expressão do ritmo verbal. Dá Amorim de Carvalho as explicações exigidas por aquela problemática, perfeitamente integradas na sua teoria da estética. — Os dois primeiros estudos acima citados colidiam com certas opiniões sustentadas, sem viabilidade, sem coerência teórica, por certa crítica portuguesa. Reagiu esta pela pênna dum dos seus mentores: como quase sempre, sem fôrça lógica, avançando ideias confusas e asserções insustentáveis. Respondeu-lhe Amorim de Carvalho nos dois últimos ensaios, precisando conceitos e mostrando (em argumentação cerrada resultante duma bem construída sistematização estética) as incongruências da crítica literária dominante, ao tempo, em Portugal].

*Bibliografia*. «*Tendências do lirismo contemporâneo*» por *Hernani Cidade*. (2.<sup>a</sup> edição. *Liv. Portugália, Lisboa, 1939*), «*Pensamento*», Porto, ano IX, vol. VIII, n.º 114, 15 de março de 1939, pág. 31. *Sôbre as tendências do lirismo contemporâneo*, *ibid.*, ano X, vol. VIII, n.º 115, 1 de abril de 1939, pág. 12. *Tendências do lirismo contemporâneo*, *ibid.*, n.º 118, 15 de maio de 1939, pág. 6. *Para a história da crítica em Portugal*. *Repelindo uma agressão*, *ibid.*, n.º 119, 1 de junho de 1939, pág. 12. *Id. Elucidando os leitores da «Seara Nova»*, *ibid.*, n.º 120, 15 de junho de 1939, pág. 16. *Id. O valor da autodidaxia*, *ibid.*, n.º 121, 1 de julho de 1939, pág. 14. *Id. A alteração experimental dos textos*, *ibid.*, n.º 122, 15 de julho de 1939, pág. 14. [Nos segundo e terceiro estudos citados, expõe Amorim de Carvalho seu pensamento (e consideramos nós apenas, aqui, o domínio restricto da versificação) sobre o chamado «verso livre», o ritmo verbal e a criação artística representativa de uma «mais livre

espiritualidade», a «contribuição do ritmo para a inteligibilidade e [...] a emoção», etc.; abordando o problema da «inteligibilidade formal», dá um exemplo paradigmático de como o método experimental pode ser utilizado com proveito nos estudos de versificação. A propósito da passagem da versificação quantitativa à acentual, Amorim de Carvalho viu-se na obrigação de corrigir as erradas afirmações de H. Cidade o qual, não entendendo o que para Hegel significava a expressão *arte romântica*, revelava assim a pouca cultura filosófica duma intelectualidade portuguesa contaminada pelos preconceitos da «modernidade». Os ensaios que se seguem àqueles dois estudos acima referenciados, pouco adiantam, do ponto de vista teórico, ao que já dissemos para a versificação ou teoria do ritmo verbal: volta o Autor, neles, no entanto, àqueles temas tratados precedentemente, dando múltiplos exemplos da ignorância crassa e da «miséria mental» de um poeta moderno representativo do estado de espírito dominante em Portugal. Em *A alteração experimental dos textos*, trata, al-fim, longamente, Amorim de Carvalho de um interessantíssimo assunto: o da utilização do método experimental no estudo da versificação. Cremos nós que esse método pode validamente ser alargado às artes plásticas e à estética em geral. — Este conjunto de estudos recapitula o que já se processara no caso relativo à precedente série de artigos. Analisando Amorim de Carvalho, aqui, criticamente uma obra de um professor universitário português, sai-lhe, de novo, agora, à estocada, um louvaminhado representante da poesia modernista incomodado com a teoria e a argumentação expostas pelo ilustre esteta. Perante a violência do processo insultuoso adoptado contra Amorim de Carvalho, teve este que responder com extrema severidade ao incompetente e imoral contraditor (*vid.* os quatro ensaios subordinados ao título *Para a história da crítica em Portugal*). No deprimente ambiente mental que imperava no mesquinho meio lusitano onde a intelectualidade portuguesa pretendia impor não apenas sua insolente incompetência e suficiência mas também os pseudo-valores de um decadentismo sem válidos alicerces filosóficos, científicos, ou humanos — naquele ambiente, toma,

pois, particular significado a intervenção polémica de Amorim de Carvalho (*vid.* deste Autor, embora numa perspectiva mais larga que a da versificação: *A margem dum opúsculo. O valor da polémica e o perigo da abstenção*, «Pensamento», Porto, ano X, vol. VIII, n.º 127, 1 de outubro de 1939, pág. 10)].

*Bibliografia.* «Solidão» por João Falco. (*Ed. da «Seara Nova», 1939*), «Pensamento», Porto, ano X, vol. VIII, n.º 120, 15 de junho de 1939, pág. 32. *Em tôrno da crítica modernista. I. Os temas actuais e o modernismo*, *ibid.*, n.º 129, 1 de novembro de 1939, pág. 20. *Id. II. Temas elevados e temas actuais*, *ibid.*, n.º 130, 15 de novembro de 1939, pág. 13. *Contra a mentira da «crítica» em Portugal*, Maranus, Porto, 1940. *O «Pensamento» e o homem da «opinião sensata»*, «O Povo de Aveiro», Aveiro, ano LVIII, 4.ª série, n.º 619, 11 de fevereiro de 1940, pág. 2. [No conjunto dos estudos aqui reunidos, apenas em dois momentos aborda o Autor assuntos que concernem a versificação. Primeiramente, num *post-scriptum* do terceiro estudo acima citado, onde se refere rapidamente à métrica e à rima do seu poema longo *Il Poverello*. Depois, mais detidamente, no cap. III («A nossa versificação») do opúsculo *Contra a mentira da «crítica» em Portugal*. Aí, em resposta à incompetência habitual da crítica, analisa versos de *Il Poverello*, e de outros poetas, explicando certas subtilidades da técnica do verso; refere ou enuncia algumas das leis da versificação que ele descobriu e correctamente formulou (dando particular relêvo à da fusão ou elisão rítmica que [como todas as outras leis, aliás], «pela primeira vez, salvo êrro, foi formulada por nós», diz Amorim de Carvalho); e evoca a distinção entre diversos tipos de ritmos; etc. Concluindo: «Ao falarmos da *nossa* versificação, ligada, indubitavelmente, à versificação clássica, falamos com legítimo direito no que é o resultado dos nossos estudos» (cf., atrás, o verbete da *Teoria geral da versificação*), — embora, claro está, para Amorim de Carvalho, aquela versificação tenha valor de objectividade universal. — Repete-se aqui, com características idênticas às das duas polémicas precedentes, o processo do desencadear do combate às posições sustentadas por Amorim de Carvalho; e as razões que

estão na origem dos estudos acima referenciados, são as mesmas que nos casos anteriores: a insolência e a incompetência duma crítica portuguesa, tão medíocre como pretenciosa, que não admitia que se lhe fosse à mão. Volta aqui a evidenciar-se o especial significado da teoria da crítica e da estética de Amorim de Carvalho que, com seu valor de universalidade, vinha concretamente desempenhando no país um papel de orientação pedagógica, e até de moralização no pensamento, e de contenção da decadência dos valores estéticos].

*Tratado de versificação portuguesa*, 1.<sup>a</sup> ed., ed. do Autor, Porto, 1941; 2.<sup>a</sup> ed., Portugália, Lisboa, 1965; 3.<sup>a</sup> ed., 70, Lisboa, 1974; 4.<sup>a</sup> ed., Centro do Livro Brasileiro, Lisboa, 1981; 5.<sup>a</sup> ed., Universitária, Lisboa, 1987; 6.<sup>a</sup> ed., Almedina, Coimbra, 1991. [É, como se disse, o resumo dos extensos trabalhos sobre versificação que Amorim de Carvalho terminara, para o essencial, na primeira metade da década de trinta, mas que não conseguiu publicar de imediato. A 2.<sup>a</sup> ed. saiu com o sub-título: *Teoria moderna da versificação*; e a indicação: «refundida», correspondendo (em relação à 1.<sup>a</sup> ed.) a «várias alterações ou ampliações nalguns passos», como se escreveu na introdução «Ao leitor».

— Queremos evocar aqui um caso lamentável, mas não de surpreender em meio literário destituído de dignidade como o luso-brasileiro: refiro-me à apropriação, por Celso Cunha, em obra publicada em 1968, da explicação, pela primeira vez dada por Amorim de Carvalho, da subordinação rítmica do verso ao canto e à música em certos casos da poesia trovadoresca, sem que aquele filólogo brasileiro tenha citado o grande especialista português da versificação que já tratara publicamente esse assunto na 1.<sup>a</sup> ed. (1941) do *Tratado de versificação portuguesa*, parágrafo n.º 58. Voltou Amorim de Carvalho a esse tema em *A música e o verso. A propósito de uma «História da Música Portuguesa»*, publicado em «O Cronista», Lisboa, 18 de junho de 1955; e na 2.<sup>a</sup> ed., de 1965, do *Tratado*, n.º 71. Na *Teoria geral da versificação* (preparada, no essencial, como se viu, para publicar, desde os anos trinta, embora saísse a público apenas em 1987), no seu vol. I, n.º 69, Amorim de Carvalho desenvolve

muito o estudo do caso da «lei da subordinação rítmica e certos problemas da versificação na poesia trovadoresca»; e no vol. II, n.º 142, a, inclusive na nota 44, torna a tratar desse interessante assunto e tece serenamente os comentários apropriados à inadmissível atitude de C. Cunha].

*Guerra Junqueiro e a sua obra poética. (Análise crítica)*, 1.<sup>a</sup> ed., Figueirinhas, Porto, 1945; 2.<sup>a</sup> ed., Lello, Porto, 1998. [Obra dada como pronta desde 1941 («Duas palavras do Autor», pág. 13 da 2.<sup>a</sup> ed.). Compreende um cap. XIII inteiramente consagrado à «versificação de Junqueiro», onde, neste domínio, se trata da existência ou não de influências ou sugestões entre este poeta e Castilho, Eugénio de Castro e António Nobre. Também no cap. XVII («Guerra Junqueiro e António Nobre») se estuda o relacionamento, na técnica versificatória, entre esses dois poetas (págs. 256-257). — Perante os ataques infundamentados contra Junqueiro por parte dos «detractores modernos», Amorim de Carvalho constrói, nesta obra, uma avaliação definitiva do poeta estudado, colocando-o no elevado lugar que ele (um dos maiores poetas do mundo — dizia Unamuno) deve ocupar na poesia de expressão portuguesa — avaliação essa feita à luz de uma concepção da crítica e da estética em geral, científica e filosoficamente fundamentada (*vid.*, entre outros, o cap. XVIII: «A avaliação estética da poesia de Junqueiro e a crítica actual»)].

*Temas culturais. A forma e a tradução poética*, «Diário de Lisboa», Lisboa, 17 de fevereiro de 1954. [Assuntos retomados neste estudo: a forma como «técnica de emoções», a relação entre forma e ideia, a forma propriamente dita por oposição à «forma conceptual», a tradução poética, etc. — Aborda aqui o Autor, mais uma vez, temas que lhe permitiam esclarecer diversos conceitos fundamentais para a teoria da estética e criticar opiniões confusas propaladas pela incompetente crítica literária portuguesa; é nessa necessidade manifesta de precisão e clareza dos conceitos que estará, certamente, em grande parte, a explicação da insistência de Amorim de Carvalho em retomar constantemente esses temas].

*Influências confessadas*, «Diário Popular», Lisboa, 17 de novembro de 1954. [Rápida referência aos seus estudos aprofundados sobre versificação, resultado, «talvez» (diz o Autor) da «influência negativa do modernismo». — Neste curto ensaio, Amorim de Carvalho evoca vários casos, literariamente curiosos, relacionados com a sua criação poética e com os seus estudos no domínio da estética e da análise literária, afirmando a originalidade fundamental da sua obra].

*A música e o verso. A propósito de uma «História da Música Portuguesa»*, «O Cronista», Lisboa, 18 de junho de 1955. [Brevíssimo comentário, mais uma vez explicando o que já fôra estudado no *Tratado de versificação portuguesa* editado em 1941, relativamente à subordinação rítmica do verso ao canto e à música em certos casos da poesia trovadoresca portuguesa, — casos esses que não tinham sido satisfatoriamente interpretados por Mussafia nem por Rodrigues Lapa. — A respeito da desonesta apropriação, por filólogo brasileiro, dessa explicação dada por Amorim de Carvalho de certas anomalias da versificação na poesia trovadoresca, *vid.* o que escrevemos no verbete do citado *Tratado de versificação*].

*Temas culturais. Um problema da versificação. (1)*, «Diário de Lisboa», Lisboa, 8 de fevereiro de 1957. *Id. (2)*, *ibid.*, 25 de fevereiro de 1957. *Id. (3)*, *ibid.*, 27 de fevereiro de 1957. *Id. (4)*, *ibid.*, 3 de abril de 1957. *Temas culturais. A discussão esclarecedora*, *ibid.*, 5 de maio de 1957. [Extenso estudo sobre a cesura no ritmo verbal. Amorim de Carvalho refuta e rectifica os múltiplos erros verificados na inadmissível definição de cesura apresentada num muito defeituoso e pouco objectivo *Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira*, publicado sob a direcção de um professor da Faculdade de Letras de Lisboa. — Põe-se implicitamente em evidência, naquela série de artigos, a inferioridade e o sectarismo do meio mental português (na universidade, como fora dela) que, por desonestidade intelectual, afastava sistematicamente Amorim de Carvalho da colaboração nos domínios em que ele era o incontestável especialista; e demonstra-se explicitamente a incompetência da

crítica e da análise literária portuguesa. Assistiu-se aqui a mais um caso, semelhante aos dos já citados em verbetes precedentes — uma espécie de «recapitulação», no sentido haeckeliano da expressão —, onde os incompetentes literatos sem qualquer preparação nem altura de vistas, vinham agressivamente contestar as críticas construtivas que se lhes fazia ou as teorias e interpretações que os incomodavam, em seus preconceitos].

*Temas culturais. As formas literárias «gastas»*, «Diário de Lisboa», Lisboa, 26 de outubro de 1957. [Vem o Autor lembrar de novo seu conceito de forma literária, no duplo aspecto material (por ex., o ritmo dos versos, a ausência de ritmo verbal, o «paralelismo rimático», etc.) e conceptual; e relaciona a forma com o «interesse emocional» que pode dela advir ou não. Desenvolve interessantíssimas considerações sobre o «facto estético (afectivamente estético na relação emocional sujeito-objecto)», e a respeito da imitação e da originalidade em arte, e do caso das «formas repetidas com pobreza temática», etc. — No deletério ambiente literário português, pouco permeável à disciplina mental, à clarificação de conceitos, Amorim de Carvalho vem, neste estudo, mais uma vez afirmar sua originalidade e pôr em evidência a significação da sua obra no domínio da teoria da estética e da análise literária].

*Depoimento para a história crítica do modernismo em Portugal*, 1.<sup>a</sup> ed., Prometeu, Porto, 1981 (ed. dactilografada, colocada à venda nas livrarias e largamente difundida); «Nova Renascença», Porto, n.º 13, janeiro-março de 1984, pág. 21; 2.<sup>a</sup> ed., Prometeu, Porto, 1985 (id.). [Redigido em Paris, no ano de 1966. Considerações sobre a forma, a ideia e a tradução na poesia (temas caros — já o dissemos — a Amorim de Carvalho) e sobre o ritmo e o pseudo-«ritmo interior» ou «ritmo amétrico». O Autor evoca a importância decisiva da sua obra para a compreensão de todos os ritmos verbais cujas condições foram por ele formuladas em leis; acusa o modernismo ou a modernidade por não ter sabido encontrar ou compreender as condições objectivas do ritmo verbal nem as «conceptualizações da forma que fundiam sentido e musicalidade»; e, abordando, de novo, o problema da

técnica formal propriamente dita, afirma a originalidade da sua obra poética e insiste, com certas minúcias, no facto de ter ele conscientemente introduzido novas formas rítmicas na poesia de expressão portuguesa. — Este *Depoimento* fôra escrito para ser incluído no *Volume I. Elegia heróica e outros poemas* da *Obra poética escolhida* de Amorim de Carvalho. Não sendo esse volume publicado pelo editor lisboeta (Sociedade de Expansão Cultural, de Domingos Monteiro) que se comprometera a fazê-lo, decidiu o Autor rever, aumentar e actualizar o *Depoimento*, reservando-o para publicação à parte; mas não o pôde fazer, faltando, por esse facto, referências a alguns dos seus poemas mais recentes. Este *Depoimento* de Amorim de Carvalho é uma estupenda auto-análise crítica da sua obra poética e dos seus estudos sobre estética da literatura, explicando o Autor claramente a significação que aquela obra e aqueles estudos tiveram — e terão — na literatura de expressão portuguesa].

*Problemas de versificação. (1). O decassilabo de Junqueiro, «República», Lisboa, 22 de março de 1968, pág. 7. Id. (2). O dodecassilabo de António Nobre, ibid., 29 de março de 1968. Id. (3). O dodecassilabo de António Nobre, ibid., 5 de abril de 1968. [Responde Amorim de Carvalho, nestes extensos ensaios, a certas observações, que Luís Lindley Cintra fez aos estudos daquele especialista da versificação, relativamente aos dois tipos de versos simples trabalhados pelos poetas citados em epígrafe. Amorim de Carvalho explana as suas razões, com notável largueza de vistas, desenvolvendo sólida e aguda argumentação. No que respeita a Junqueiro, diz que, se em seus estudos não analisou «em particular» o decassilabo deste poeta, foi por não encontrar nele qualquer novidade; e, no seguimento destas considerações, explica desenvolvidamente, exemplificando, a formação dos ritmos pela elisão rítmica. Quanto a Nobre, Amorim de Carvalho confirma a sua tese: o esforço de Nobre para se desjunqueirizar, inclusive na versificação. E vê-se Amorim de Carvalho obrigado a esclarecer conceitos, a precisar terminologias, a explicar, por exemplo, a diferença entre verso composto e verso simples, porque de contrário não se poderá estudar, sem*

cometer graves erros, os ritmos verbais. — Apesar da superior preparação de L. L. Cintra, nota-se que, em certas afirmações suas (como nas dos melhores espíritos da sua época) há como que uma contaminação dos preconceitos modernistas que, não contidos por séria formação científica e filosófica, vêm impedir muitas vezes uma correcta interpretação da técnica versificatória dos poetas estudados. Foi contra isso tudo que Amorim de Carvalho reagiu].

*Introdução à obra poética de Guerra Junqueiro*, «Obras de Guerra Junqueiro. (Poesia). Organização e introdução de Amorim de Carvalho», 1.<sup>a</sup> ed., Lello, Porto, 1972; 2.<sup>a</sup> ed., Lello, Porto, 1974. [No cap. III («A obra poética») e em subdivisão relativa à perspectiva técnico-formal na poesia de Guerra Junqueiro, a págs. XVIII-XIX, faz-se rápida síntese dos aspectos mais originais ou significativos da versificação junqueiriana; no cap. IV («Algumas notas da leitura de revisão»), restabelece-se a integridade de origem dos versos de Junqueiro, reconstituindo-se consequentemente o ritmo e a rima alterados em sucessivas edições mal revistas (págs. XXI-LXI). — Único verdadeiro conhecedor e especialista de Junqueiro, fôra Amorim de Carvalho solicitado pelo editor e pela filha desse poeta para organizar e fixar o texto da obra poética do genial autor da *Oração à luz*, e redigir o estudo que lhe serve de introdução].

*Problemas da versificação*, Centro do Livro Brasileiro, Lisboa, 1981. [Reúne os seguintes estudos dispersos de Amorim de Carvalho, atrás referenciados: *Os novos ritmos...*; *Os problemas da versificação*; *A música e o verso...*; *Temas culturais. Um problema da versificação...*, *Temas culturais. A discussão esclarecedora*, seguido de um «Apêndice», anteriormente inédito, que desenvolve alguns dos pontos tratados nos quatro estudos *Temas culturais. Um problema da versificação*; e, por último, *Problemas de versificação*. — Esta colectânea de dispersos foi publicada por iniciativa de Ester Rodrigues (viúva do Autor). Um editor de espírito arejado, compenetrado do valor e da originalidade fundamentais dos estudos de Amorim de Carvalho, quiz editar, e editou, na mesma ocasião, não apenas esse livro,

mas também a 4.<sup>a</sup> ed. do *Tratado de versificação portuguesa*, integrados, um e outro, numa colecção das obras completas de Amorim de Carvalho que tencionava levar por diante. Infelizmente, as dificuldades provocadas na firma editorial pelo descalabro económico do golpe militar de 1974, impediram-no de prosseguir nesse projecto].

*NOTA FINAL.* Esta bibliografia restringiu-se ao que de mais importante foi, até hoje, publicado de Amorim de Carvalho sobre versificação; ficaram excluídos textos epistolares, em que são focados assuntos relativos à métrica, e o grosso volume *Dos trovadores ao Orfeu. (Contribuição para o estudo do maneirismo na poesia portuguesa)*, ainda inéditos. Desta última obra — originalíssima e de elevado valor para a crítica e a teoria da estética — descrevemos a seguir o percurso atormentado do respectivo manuscrito onde Amorim de Carvalho trata desenvolvidamente de temas que, com frequência, interessam à versificação. Na década de oitenta do passado século, a obra ficou, durante vários meses (em período e em condições que não podemos precisar), na posse de um editor portuense a quem fôra entregue por Ester Rodrigues. Não sendo editada nessa ocasião, e tendo-se, então, dado prioridade à edição de outras obras de Amorim de Carvalho, só muito mais tarde — em fevereiro de 1998 — confiámos esse trabalho, para publicação, por intermédio de António Braz Teixeira, à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Lisboa, empresa pública na qual esse senhor exercia as funções de Presidente do conselho de administração. Sem qualquer resposta durante mais de sete meses por parte daquela entidade, e sendo infrutíferas as nossas inúmeras tentativas para falar com A. B. Teixeira, — resolvemos pedir a devolução da obra que (soubémo-lo então), «Na sequência da recomendação do Conselho Editorial» daquela instituição, fôra desterrada da pátria para os Açores com o fim de ser submetida à «análise» de «um especialista» residente nesse remotíssimo arquipélago! *Dos trovadores ao Orfeu* foi, então, proposto a Paulo Samuel, que aceitou o original para publicação pela editora Caixotim (do Porto) que representava,

tendo ele chegado a entregar as primeiras provas impressas, ao autor desta nota, e procedendo este, como combinado, à sua revisão; devolvidas elas ao representante da Caixotim, passaram-se, afinal, anos sem que, também agora, se desse seguimento à publicação desta obra. Moral da história: não tendo pertencido às *oficinas* de propaganda, nem a *escolas* e *capelas*, de orientação naturalmente sectária, — homem-elite pela independência intelectual e pelas características mesmas da sua inteligência —, foi e é Amorim de Carvalho vítima da mentalidade gregária duma cultura-massa que tem predominado no país — e nesse vasto magma indiferenciado de pseudo-elites e elites decaídas vem encontrando, conseqüentemente, a Obra do ilustre pensador um meio particularmente hostil, ou indiferente, à sua divulgação. — Observação optimista. Alguns dos estudos indicados nesta bibliografia (*A forma na poesia, A técnica e a poesia. I... e II...*) foram incluídos numa colectânea de textos de Amorim de Carvalho intitulada *Estética e teoria da arte*, em preparação, e cuja saída está prevista para breve; essa edição é levada a efeito por iniciativa e sob a orientação de Artur Manso, professor na Universidade do Minho, que seleccionou os textos e justificou a realização da colectânea em extensa nota de apresentação.

